

ÉRIC CHEVILLARD, ENTRE O IMPRESSO E O DIGITAL

Dominique Almeida Rosa de Faria

Universidade dos Açores

Eric Chevillard pertence a uma geração de romancistas que surgiu em França nos anos oitenta, associada às Éditions de Minuit.¹ Esta é uma editora conceituada, conhecida por ter publicado as obras dos autores do «Nouveau Roman» e que tem, segundo Bourdieu (1992: 239-240), a reputação de promover literatura de qualidade, de vanguarda e destinada a um público culto. Até à data, Chevillard publicou dezasseis romances através das Éditions de Minuit e suscitou vários estudos críticos, sendo já uma presença obrigatória em qualquer monografia sobre o romance francês contemporâneo.² Trata-se, portanto, de um autor cujo percurso no mundo da publicação tradicional, em papel, lhe tem trazido reconhecimento e sucesso, embora tenha um público-leitor reduzido, facto que o autor refere com frequência.

1 À qual pertencem igualmente Jean Echenoz, Jean-Philippe Toussaint e Christian Gailly, entre outros.

2 Para além de seis outros textos de natureza genérica mais híbrida, publicados em editoras menos conceituadas, de dezenas de textos curtos que surgiram em várias revistas literárias, assim como de vários textos escritos em regime de co-autoria, publicados, também eles, em editoras mais pequenas.

Chevillard é um autor pouco convencional e muito provocador, que gosta de testar os limites da linguagem, da lógica e das convenções literárias e sociais. A sua insatisfação constante levou-o a recorrer à publicação *online*, na qual viu uma oportunidade de aplicar as suas técnicas de questionamento do mundo a um universo novo, o do digital, contradizendo assim todos aqueles que ainda consideram que a publicação de ficção na *internet* é uma solução encontrada por autores cujo trabalho não tem qualidade suficiente para ser aceite pelas editoras tradicionais.

Este autor mantém um blogue, *L'autofictif* (<http://l-autofictif.over-blog.com/>), desde Setembro de 2007. Nele regista todos os dias, sob forma de entrada datada, um conjunto de três curtos textos de natureza simultaneamente ficcional e biográfica, como, aliás, o nome do blogue deixa antever. Esta prática suscita várias questões que interessa equacionar, nomeadamente nos domínios da materialidade do texto e da sua produção e recepção, sobretudo quando é pensada em articulação com as publicações em papel dos textos do blogue, a que o autor tem recorrido nos últimos anos.

A ESCRITA DE CHEVILLARD EM LINHA: ENTRE PLASTICIDADE E RESISTÊNCIA

Um leitor que conheça bem o trabalho d'Éric Chevillard reconhece, ao ler os textos publicados no blogue, os traços essenciais da escrita do autor, nomeadamente a autoderrisão, a reflexão sobre a escrita, o seu estilo tão particular, o gosto pelo absurdo e sobretudo o seu humor constante, que se permite tudo, desde a ironia ao *nonsense*, dos jogos de palavras aos comentários polémicos. Todavia, esta aventura no meio eletrónico obrigou o autor a testar a sua capacidade de adaptação e a plasticidade do seu trabalho, que teve de repensar de modo a que se adaptasse ao novo suporte. Soccavo (2008: 26) chama a atenção para a relação estreita que existe entre o suporte e as práticas que

a ele estão associadas: «Hier comme aujourd'hui, supports et usages ont toujours été liés. D'un côté, l'usage recherché oriente le choix d'un support, et, d'un autre côté, l'utilisation d'un support donné (...) influence l'usage qui en est fait.» Para além das características típicas da escrita de Chevillard, outras há, portanto, que emergem deste encontro com o digital, tanto no âmbito estilístico e formal como no temático, e que vão determinar o modo como o texto é lido.

O aspeto textual que sofreu alterações mais visíveis é imediatamente identificável pelo leitor que está familiarizado com a escrita do autor, quando vê a primeira página do blogue: Chevillard impôs a si próprio a regra de escrever sempre três curtos textos em cada entrada diária. Não só geralmente não há continuidade entre eles em termos temáticos como são textos de tipos diferentes e de extensão também ela variável. Assim, a entrada do dia 27 de Abril de 2010 tem um primeiro texto composto por duas linhas, sobre um acontecimento da atualidade (a erupção do vulcão islandês que ocorreu a 20 de Março de 2010); um segundo texto de cinco linhas, de teor biográfico (Chevillard estabelece um paralelo entre a escolha de um nome para a sua filha que vai nascer em breve e a de um título para o livro que vai publicar); e um terceiro e último texto composto por duas frases muito curtas e incisivas, de natureza metafórica e humorística, cujo sentido é menos importante do que a utilização lúdica da linguagem que o autor nelas faz.

Em *L'autofictif*, a escrita torna-se, portanto, breve e fragmentada, características que permitem tornar a comunicação mais eficaz num meio como a *internet* em que, como afirma Chartier (2002: 23), o leitor lê tendencialmente curtas passagens textuais sem ter uma noção de conjunto da obra a que pertencem. Ao tornar a sua escrita mais densa e complexa, mais concisa e incisiva, Chevillard obriga o seu leitor a concentrar-se em cada uma das passagens isoladamente, em vez de ler textos longos de forma contínua e concentrada, uma prática típica

do livro impresso que não funciona eficazmente no meio digital. Se é verdade que o autor tem o cuidado de adaptar o seu trabalho ao novo suporte, não deixa de ser verdade que lhe resiste também. Assim, a imposição do constrangimento dos três textos por entrada, postos em linha à meia noite e dez minutos de cada dia, assim como a opção de não recorrer com frequência a hiperligações³ e imagens, nem reservar espaço a interação com o leitor⁴, torna o texto fechado sobre si próprio e imutável, o que parece funcionar como uma resistência à total liberdade e à anarquia que a textualidade eletrónica oferece.

Não obstante as modificações que a escrita deste autor sofre ao se adaptar ao digital, é ao nível temático que estes textos mais surpreendem o leitor que conhece a sua obra impressa, pois este está habituado a conceber Chevillard como um escritor particularmente reservado. Ao contrário do que é a sua prática habitual, em *L'autofictif*, o autor faz referências de teor autobiográfico e comentários sobre a atualidade. No que diz respeito às primeiras, o exemplo mais concreto e aquele cujo caráter biográfico é menos incerto é o das referências ao nascimento das suas duas filhas, acontecimentos confirmáveis através de outras fontes. Assim, há comentários que incidem primeiro sobre o período da primeira gravidez (a 15 Novembro 2007, a 8 Janeiro 2008 e a 23 de Janeiro de 2008), depois sobre o nascimento da primeira filha (a 24 de Abril de 2008), e o seu processo de crescimento e/ou o modo como o pai interage com ela (até à data, há cerca de uma centena de referências à sua primeira filha, Agathe), e, finalmente, o anúncio da segunda gravidez (a 3 de Março de 2010) e do nascimento próximo da segunda filha (a 24 de Maio 2010).

3 À excepção das que permitem ao leitor aceder aos textos mais antigos, através do arquivo do *blog*, e das que remetem para os *sites* preferidos do autor.

4 Esta opção deve-se possivelmente ao facto de Chevillard ser um autor provocatório, que desencadeia muitas vezes reações desagradáveis por parte dos seus leitores.

De notar que esta incursão de Chevillard pelo domínio do biográfico se resume, quase exclusivamente, a referências pontuais e isoladas a acontecimentos e situações da sua vida privada que tiveram lugar num passado muito próximo (em geral no dia ou na semana anterior), sem que haja uma busca de identidade através da revisitação de episódios do passado ou uma escrita de teor intimista. Estes textos correspondem, no fundo, a uma escrita diarística, nomeadamente no que diz respeito a três dos quatro traços definidores do diário, avançados por Philippe Lejeune (2005: 65): a contingência, a ausência de domínio do tempo e aquilo a que chama o «vivido imediato».⁵ O quarto elemento mencionado por Lejeune é a indiferença relativamente à escrita literária, que não se aplica neste caso, por o texto ser sempre muito trabalhado estilisticamente. Este trabalho da língua, juntamente com o omnipresente tom irónico e o recurso à fusão entre o autobiográfico e o ficcional levam a que o estatuto do texto seja híbrido, não sendo possível, na grande maioria dos casos, distinguir claramente o que pertence ao domínio do biográfico e ao do ficcional. Esta é, aliás, uma das características distintivas daquilo a que se convencionou chamar a autoficção, um género de texto que tem tido bastante sucesso em França nos últimos anos. Chevillard, como é seu hábito, escreve um texto de natureza autoficcional, parodiando e criticando simultaneamente este novo sub-género.⁶ Ora, como mostra Vilain (2009: 38), o principal objetivo da autoficção é precisamente o de garantir ao autor a liberdade criativa de exagerar acontecimentos e sentimentos e de manter a ambiguidade, uma qualidade que

5 A própria natureza do blogue e a organização pela qual o autor optou, em que cada dia corresponde a uma entrada, prestam-se particularmente a este género de escrita.

6 Alguns dos seus romances partem de um sub-género romanesco que criticam e desconstruem ao mesmo tempo que o utilizam. É o caso edição crítica em *L'œuvre posthume de Thomas Pilaster* (1999), do romance de aventuras em *Les absences du capitaine Cook* (2001), da autobiografia em *Du hérisson* (2002), e do conto em *Le vaillant petit tailleur* (2003).

Chevillard cultiva geralmente nos seus textos. Assim, da leitura de *L'autofictif* advém a imagem de um homem que assume plenamente as suas aversões (contra o telefone portátil e a literatura de massas, por exemplo) assim como os seus gostos (nomeadamente pelos animais em extinção e pela sua filha) sem receio de não agradar aos leitores. São, aliás, estas idiossincrasias que o tornam mais humano aos olhos do leitor. Chevillard, cujo propósito sempre foi o de provocar o seu leitor, de o obrigar a pensar criticamente e a questionar-se sobre o que o rodeia, encontrou na autoficção em suporte eletrónico um novo meio de atingir os seus fins, pois o leitor ficará sempre na dúvida em relação à parte de ficção que este autorretrato contém.

No entanto, o autor consegue criar uma relação de cumplicidade com o leitor em linha, semelhante àquela que é produzida pela leitura de escritos intimistas, não só devido ao carácter parcialmente autobiográfico dos textos, que permite assegurar um pacto de leitura definido logo à partida pelo nome do blogue, mas também ao facto de a distância temporal entre o momento da escrita e o da leitura ser quase inexistente, o que não acontecia nos textos impressos, devido ao demorado processo de publicação. Esta é aliás, segundo Philippe Lejeune (2001: 193), uma das características da escrita diarística na *internet* que mais a distingue da sua versão impressa.

Quanto aos temas da atualidade abordados por Chevillard, estes dividem-se em dois grupos: os comentários a acontecimentos internacionais em geral (a 3 de Maio 2010, Chevillard comenta uma afirmação polémica de Nicholas Sarkozy proferida num discurso oficial; a 14 Junho de 2010, o início do Mundial de futebol, que teve lugar a 10 de Junho) e os que incidem sobre literatura. Estes últimos referem-se geralmente aos acontecimentos recentes da vida literária, como a atribuição de prémios literários, caso em que a crítica é sempre dura (como as de 7 de Junho de 2010, de 7 de Abril de 2010, de 12 de Novembro de 2009 e de 29 de Outubro de 2007), ou a livros

publicados recentemente e/ou que estão a ter muito sucesso junto dos leitores. Este último conjunto de comentários divide-se entre o elogio (a entrada de 4 de Janeiro de 2008 consiste em três citações de um autor que Chevillard recomenda aos seus leitores, através de um comentário apresentado entre parênteses retos, a seguir ao texto citado) e a crítica violenta (nas entradas de 9 de Novembro de 2009 e de 3 de Junho de 2010, o autor cita passagens de romances de sucesso que critica duramente por falta de qualidade). Ainda inseridas neste grupo estão as passagens que o autor dedica às publicações dos seus próprios livros. Particularmente interessante é a entrada do dia 20 de Janeiro de 2009, cujos textos são dedicados a uma reflexão sobre o impacto cada vez maior da edição digital no mundo atual, sendo seguidos do anúncio da publicação em papel dos textos do primeiro ano do blogue:

Mais pour l'heure, nos phrases inscrites dans l'éther bleuâtre des écrans par l'opération du Saint-Esprit s'effraient encore de ce vide infini autour d'elles; et, comme le flot recherche le sable, elles se déposent un jour sur le papier, qui les absorbe.

[Les 328 premiers billets de L'autofictif, publiés entre le 18 septembre 2007 et le 17 septembre 2008, sont désormais disponibles en librairie comme cela se faisait jadis. Editions de l'Arbre vengeur, 15 euros.]

Nestas passagens, o autor parece situar-se entre dois mundos, o digital, que associa ao presente, mas que carateriza como assustador e desconhecido, e o impresso que, apesar de ser percebido nestes textos como pertencendo ao passado, é ainda considerado natural e conhecido.

De notar que o impacto destes comentários sobre os acontecimentos da atualidade é intensificado, como acontecia com as refe-

rências autobiográficas, pela quase simultaneidade entre o tempo dos acontecimentos e o tempo da escrita e pelo facto de Chevillard neles exprimir a sua opinião pessoal, muitas das vezes através de uma crítica mordaz e de afirmações pouco convencionais, por vezes até ofensivas para os visados.

Para além destes factores, há ainda um outro que contribui para desencadear e manter o interesse: a produção e divulgação diária dos textos, que convida o leitor a aceder ao blogue regularmente. Esta prática assemelha-se à da escrita folhetinesca, em desuso hoje em dia, mas que teve uma intensa fase de produção durante o século XIX, um pouco por toda a Europa, e cuja característica distintiva era precisamente a serialidade (Reis, 1991: 171). Como o folhetim (geralmente publicado em jornais), os textos de Chevillard são publicados regularmente num suporte (ainda) pouco conceituado, e que se destina a um público mais alargado e heterogéneo do que o do livro impresso. Há, no entanto, duas grandes diferenças entre o blogue de Chevillard e o folhetim. A primeira é que este autor eliminou do seu projeto os meios através dos quais poderia ser contactado pelos leitores (algo que não é comum em blogues), o que o protege, ao contrário dos autores de folhetins, de estar sujeito «às demandas de um determinado público e às pressões dos editores/directores preocupados em satisfazer esse público» (Buescu, 1997: 191). A segunda diz respeito ao género de texto escrito e às temáticas abordadas. Com efeito, embora haja alguma coincidência neste domínio (como o tratamento de temas da atualidade, a crítica literária, e até os apontamentos autobiográficos) *L'autofictif* alimenta-se muito de ficção, o que não era comum no folhetim. Por outro lado, quando comparado com o romance folhetim, este blogue privilegia um tipo de ficção diferente, pois não constrói uma única narrativa, que estimula a curiosidade do leitor através das suas intrigas com múltiplas peripécias, característica que Queffélec-Dumasy (1989: 2) considera serem definidoras da

escrita romanesca em folhetim, mas sim de micro-narrativas, isoladas e gratuitas.

L'AUTOFICTIF-BLOGUE E L'AUTOFICTIF-LIVRO

Para além da relação entre a obra impressa de Chevillard e o blogue, interessa também refletir sobre a relação que se estabelece entre o documento digital e a sua versão impressa. Com efeito, em Janeiro de 2009, os textos referentes ao primeiro ano deste blogue foram publicados pela editora L'Arbre Vengeur e, em Janeiro de 2010, a mesma editora publicou o segundo volume (com o título *L'autofictif voit une loutre*), que compila os textos do blogue de 2008-2009.

No que diz respeito ao blogue, este tem um aspeto muito sóbrio e simples (que lembra as famosas capas das Éditions de Minuit): o texto inscreve-se, em caracteres pequenos e cinzentos, num retângulo branco sobre um fundo preto, que evoca o formato de uma folha de papel. Na página inicial do blogue são apresentadas as entradas da semana em curso, divididas por dia. Na coluna do lado direito da página, o leitor encontra as únicas potenciais fontes de distração relativamente ao texto: no cimo as duas capas das versões impressas de *L'autofictif*, por baixo das quais se encontra o arquivo com os textos mais antigos e, finalmente, uma lista de ligações para os *sites* recomendados pelo autor.

Assim, se, por um lado, o aspeto sóbrio do *site* evita as distrações e convida o leitor a concentrar-se no texto propriamente dito, por outro a barra direita inclui informações que relembram constantemente ao leitor a existência do mundo real, impedindo assim um género de leitura que Dufays (1994: 184-196) denomina *participativa* e que, segundo este autor, se caracteriza pela manutenção de uma relação com o texto que permite ao leitor esquecer o mundo real e os seus problemas e deixar-se envolver pelo mundo ficcional. Ainda incluída na coluna direita da página está a lista de *sites* preferidos do

autor, o chamado *blogroll*. Este contribui para criar uma agradável sensação de cumplicidade com o leitor, que o percebe como uma manifestação do escritor Éric Chevillard (e não de um seu alterego ficcional) relativamente aos seus gostos pessoais, que resolveu partilhar. Esta lista, ao remeter para projetos em que o autor colaborou ou para *sites* de literatura menos convencional e mais experimental, dá também, ainda que indiretamente, algumas indicações sobre o modo como Chevillard concebe o seu próprio trabalho.

Quanto à organização do texto no blogue, o primeiro texto com que o leitor se depara ao entrar no *site* é o último a ter sido escrito. Esta é, aliás, segundo Jill Walker, uma característica típica dos blogues, que tem implicações diretas na ordem pela qual os textos são lidos: «Once at a *weblog*, readers can read on in various orders: chronologically, thematically, by following links between entries or by searching for keywords.» (Walker: 45). Ora, a ordem pela qual os textos são lidos determina a experiência de leitura e a interpretação que deles se fará, mesmo quando, como no caso de *L'autofictif*, não há uma narrativa propriamente dita e os textos são independentes, podendo ser lidos isoladamente. Assim, o leitor que acesse ao *site* pela primeira vez no dia 3 de Março de 2010, ver-se-ia confrontado com os seguintes textos:

Images muettes, saccadées et en noir et blanc du courageux petit bonhomme qui lutte pour défendre sa vie. Une rediffusion de *The Kid* ? Oui et non... Une échographie.

Agathe, hum, approche, ma jolie, il faut qu'on te parle.

A interpretação destas duas passagens depende daquilo a que Rabinowitz (1987: 45) chama as regras da coerência e que define como «rules that deal with textual disjunctures, permitting us to repair appa-

rent inconsistencies by transforming them into metaphores, subtleties, and ironies». Com efeito, devido às regras da coerência, o leitor partirá do princípio de que as duas frases devem fazer sentido em conjunto e tentará encontrar a relação que as une, procurando interpretar tudo aquilo que nelas fica subentendido. No entanto, o sucesso deste processo depende do conhecimento dos restantes textos do blogue. Assim, apenas um leitor que saiba que Agathe é o nome da filha do autor conseguirá compreender a relação entre o primeiro texto, que anuncia uma gravidez, e o segundo, que evoca a conversa com Agathe, em que provavelmente lhe será comunicada a novidade. O mesmo género de problema se coloca quanto à leitura de temas e de motivos recorrentes no blogue, que adquirem um sentido diferente para o leitor que reconhece uma nova ocorrência do tema e para aquele que se depara com ele pela primeira vez.⁷ Ora, embora a forma ideal de ler o blogue seja diariamente e a partir do primeiro texto publicado, essa situação raramente corresponderá à realidade das práticas dos leitores, sendo provável que uma leitura linear, do princípio ao fim, constitua a exceção, e não a regra, na leitura *online*.

Eric Chevillard acabou, como foi referido, por publicar os textos do blogue em papel. Esta decisão é justificada pelo autor na entrada de 4 de Janeiro de 2010. Assim, após afirmar que a publicação não se deveu a questões financeiras e que o eventual sorriso dos seus leitores quando, de manhã, lêem os textos publicados nesse dia é uma compensação pelo seu trabalho que valoriza muito mais do que o

7 Atentemos na sequência de textos sobre o prémio Gouncourt: a 24 de Setembro de 2007, Chevillard menciona pela primeira vez, num tom humorístico e autoderrisório, acreditar que é um dos candidatos ao prémio, apesar de o seu mais recente romance não constar da lista divulgada e este motivo é depois retomado e desenvolvido nas entradas dos dias 26 de Setembro de 2007, 28 de Setembro de 2007, 3 de Outubro de 2007, 29 de Outubro de 2007 e 6 de Novembro de 2007. Apenas um leitor que acompanhe estes comentários desde a primeira ocorrência pode apreender o sentido deste conjunto de textos.

dinheiro, adianta uma explicação – «Mais j’aime les livres, que voulez-vous, c’est aussi bête. J’aime leurs pages légères et le fil serré qui les relie.» –, comentário que desenvolve, na passagem seguinte: «Et donc je leur confie ces mots imprimés une première fois dans la buée que forme notre souffle court sur la vitre de nos écrans.» Mais uma vez, a dicotomia impresso/digital parece contrapor, para Chevillard (que se descreve a si próprio, ao longo do blogue, como uma pessoa pouco atraída pelas novidades eletrônicas), aquilo que é material, palpável, seguro e aquilo que é etéreo e passageiro, respetivamente.

A grande diferença que as edições em papel de *L’autofictif* apresentam relativamente ao blogue consiste no próprio livro enquanto objeto, que convida o leitor a conceber os textos como um todo. A presença de um paratexto contribui igualmente para esse efeito e muda consideravelmente a relação do leitor com o texto. Assim, as capas são ambas sóbrias: sobre um fundo preto destacam-se apenas o nome do autor, o título e o nome da editora, assim como uma imagem. Esta remete, nos dois casos, para a origem digital e a natureza pouco convencional dos textos: a ilustração da primeira edição consiste num conjunto de teclas de computador, amontoadas em desordem, fora do seu suporte; a da segunda é uma imagem digital de uma lontra que é pouco definida e cujos pixéis são visíveis, sendo a imagem composta por pequenos quadrados.

No que diz respeito à indicação do nome da editora, um elemento paratextual cuja importância é muitas vezes descurada, esta fornece ao leitor alguns indícios sobre o texto que vai ler, pois L’Arbre Vengeur é uma pequena editora alternativa que, ao contrário das Éditions de Minuit, publica textos menos convencionais e menos definidos genericamente. Essa é, aliás, mais uma grande diferença entre a versão em papel e o blogue, em que o escritor não necessita de um editor que sancione a sua prática e a legitime aos olhos de leitores e críticos literários.

O título é um dos elementos paratextuais que mais diretamente influencia a leitura. Ora, o primeiro volume em papel de *L'autofictif* retoma o título do blogue, enquanto o do segundo volume consiste numa variação do primeiro. «*L'autofictif voit une loutre*» é uma frase completa, que surge num dos textos do blogue, na qual «*L'autofictif*» se transforma em sujeito, podendo a ação descrita ser interpretada como *nonsense*, ao qual o autor recorre com frequência.⁸

A primeira edição em papel inclui igualmente um texto introdutório, denominado «avertissement». Nele, Chevillard alude ao motivo que o levou a criar o blogue (para se distrair da escrita do livro em que estava a trabalhar) e ao prazer que essa prática lhe trouxe (nomeadamente pela liberdade formal que permite e pela regularidade do ato de escrita), fornecendo igualmente alguma informação sobre a própria natureza dos textos, acabando por afirmar: «Je me considère à mon tour comme un personnage, je bascule entièrement dans mes univers de fiction où se rencontre aussi, non moins chimérique, le réel». Esta é uma afirmação que volta a remeter para o título e para a natureza autoficcional dos textos.

Também a mancha gráfica, no interior do livro, é diferente da que encontramos no ambiente digital. Com efeito, a do texto eletrónico muda todos os dias, podendo a página apresentar uma a cinco entradas, de acordo com o dia da semana em que se acede ao blogue. Em contrapartida, em cada página do livro são apresentadas, em geral, duas a três entradas, precedidas apenas da data em que foram escritas e de um tracejado que separa os textos. Estes mantiveram-se inalte-

8 Numa entrada de 28 de Janeiro de 2010, posterior à publicação deste volume em papel, uma outra frase retoma esta expressão, na qual «*L'autofictif*» se refere ao autor implícito: «*L'Autofictif voit une loutre puis il enterre son grand-père et son père.*» Trata-se de uma frase que vem no seguimento de algumas considerações sobre o impacto que tem a morte de um pai (e de um avô) na vida de um indivíduo e que poderá remeter para um acontecimento da vida real do autor.

rados, embora tenham sido organizados, na edição em papel, do mais antigo até ao mais recente.

A ordem pela qual os textos estão dispostos, a formatação a que a página é sujeita, assim como a ausência da informação que no blogue é apresentada na coluna direita da página – e da própria barra de navegação –, convidam o leitor da edição em papel a concentrar-se exclusivamente no texto e a fazer uma leitura mais aprofundada e mais contínua do mesmo. Para além disso, o livro guia o leitor na sua relação com o texto, antes mesmo de as primeiras palavras serem lidas. Segundo Chartier (2001, s.p.), é a inexistência desta organização típica do códice que determina a própria construção do sentido no texto digital, dando origem àquilo que caracteriza como uma revolução da leitura.

LEITURAS E LEITORES DE *L'AUTOFICTIF*

Os leitores da obra em linha são confrontados com um texto a que têm acesso por fragmentos e quotidianamente, sem que haja mecanismos que os guiem na interpretação daquilo que lêem. De notar que estes leitores tanto podem estar já familiarizados com a obra impressa do autor (o que os levará provavelmente a conceber o blogue como uma nova etapa no projeto do autor, dando lugar a um tipo de reflexão porventura semelhante àquele que foi levado a cabo na primeira parte deste trabalho), como podem contactar pela primeira vez com o trabalho de Chevillard através da internet. São aliás frequentes os testemunhos de leitores, não no *site* de Chevillard, mas noutros, nomeadamente aqueles em que são anunciadas as publicações em papel dos textos do blogue, que descobriram Chevillard pela primeira vez através do blogue e que apreciam a sua escrita. Estes são tendencialmente um público mais jovem e/ou apreciador de uma literatura menos convencional. Estes novos leitores farão certamente uma leitura diferente dos textos em linha (comparativamente com

aquela acima descrita), que abordam sem ideias pré-concebidas sobre aquilo que caracteriza ou não o estilo deste autor. Para estes leitores, a surpresa poderá surgir aquando de uma eventual descoberta da obra anterior de Chevillard, em que se confrontarão com um autor muito reservado e que é, antes de mais, um romancista.

Não obstante estas distinções, qualquer leitor dos textos em linha terá tendência para conceber os textos não como um todo, com princípio, meio e fim, mas sim como um projeto em constante mutação e virtualmente infundável. A temporalidade desta leitura depende de avanços e recuos, o que leva a que o texto seja concebido como fragmentado e a que haja tantas experiências de leitura quantos os leitores que acederem ao *site*. O leitor do blogue terá, por conseguinte, mais tendência a concentrar-se em cada passagem isoladamente, em vez de apreender o texto como um todo. A leitura de *L'autofictif*-blogue desafia, portanto, as convenções de leitura tradicionais, associadas ao códice há cerca de dezoito séculos, obrigando a uma relação com o texto mais incerta, mais plural e menos confortável, que só seduzirá os leitores que gostem de desafios.

Parece-nos, no entanto, que esta modalidade de leitura está na origem de novas fontes de prazer para o leitor. Este pode sentir uma maior sensação de autonomia e de competência, que o recompensa pelo esforço suplementar de leitura a que o blogue obriga. Neste contexto, o leitor assume o papel que Picard (1986: 112-113) designa como o *jouant* ou o *lu*, termos que pretendem caracterizar um leitor que não se deixa envolver pela «imersão ficcional», que é mais ativo e mais consciente do caráter construído e artificial do texto, em face do qual adota uma perspetiva crítica.

Outra eventual fonte de prazer da leitura do blogue é a que decorre do poderoso efeito de cumplicidade que estes textos produzem. Esta deve-se à quase simultaneidade entre o momento de produção da mensagem e da sua receção, cujo efeito se torna particularmente

intenso aquando dos comentários sobre acontecimentos da atualidade. Também o teor por vezes autobiográfico dos textos, que acaba por diluir as fronteiras entre a esfera do privado e a do público, dá origem a um poderoso efeito de proximidade entre o leitor e o autor, concebido tradicionalmente como um ser inacessível e enigmático.

Um terceiro efeito produzido exclusivamente pelo blogue advém da curiosidade que o leitor sente em ler o que o autor escreverá no dia seguinte e dessa espera. Este género de *suspense* que depende não de uma intriga bem urdida, mas da articulação entre um estilo e um humor muito pessoais, cativa o leitor e incita a visitar o blogue com regularidade.

Em contrapartida, o leitor da obra impressa recebe um texto que lhe é apresentado como um todo, com uma forma definitiva, rodeada de um paratexto que fornece alguns indícios sobre o modo como o trabalho deverá ser lido. Com efeito, a forma do texto impresso é autoritária: ela obriga o leitor a organizar a sua relação com o texto de um modo pré-determinado, disciplinando, portanto, a leitura e definindo antecipadamente a ordem pela qual o texto será lido. *L'autofictif*-livro pressupõe, então, uma leitura linear, progressiva e contínua. Nela, o leitor manterá uma relação mais tradicional com os textos, de que advirão prazeres também eles mais tradicionais, como o de ler a obra confortavelmente do princípio ao fim, o de conceber o texto como um todo coerente e imutável e até o de possuir o próprio objeto-livro, que se pode sublinhar, tocar, cheirar e com o qual é sempre mais fácil estabelecer uma relação emocional do que com um ecrã de computador.

De notar que também neste caso se deve estabelecer uma distinção entre diferentes tipos de leitores. Assim, o leitor que lê os textos em linha antes de os ler em papel terá certamente uma experiência de leitura diferente da do leitor que contacta com *L'autofictif* pela primeira vez através da sua versão impressa. O primeiro terá muito

provavelmente feito uma leitura parcial, desordenada dos textos no blogue e poderá surpreender-se ao encontrar novos nexos de sentido que só uma leitura ordenada, do primeiro ao último texto, deixa antever. Para o segundo, o texto adquirirá certamente um caráter menos inovador, mais estável e convencional.

Para além desta distinção, uma outra se impõe entre o leitor da obra anterior de Chevillard, publicada na sua maioria nas Éditions de Minuit, e o leitor dos textos publicados por L'Arbre Vengeur. Embora haja certamente quem leia Chevillard independentemente da editora que o publica (como os estudiosos e os leitores mais fieis), é provável que nem sempre haja coincidência entre os leitores visados pelas duas editoras. Estas destinam a sua publicação a públicos diferentes, dado que a primeira tem por hábito publicar literatura de qualidade – eventualmente de vanguarda, mas passível de ser incluída no cânone literário – enquanto a segunda se destina a apreciadores de uma literatura menos convencional e, por conseguinte, menos comercial.

O CÓDICE, O BLOGUE E O *BLOOK*

O grande ensinamento que podemos retirar da história da escrita, da leitura e da edição é que sempre que se dá uma alteração no suporte ou nos instrumentos, se dão também modificações nas práticas de escrita e de leitura. Ao conhecermos o que sucedeu aquando da passagem da pedra para a tábuia de argila, do rolo para o códice, do texto manuscrito para o texto impresso compreendemos melhor o fenómeno da escrita e da leitura em ambientes digitais e da sua relação com o mundo do impresso. Como constata Chartier (1994: 1), as novas práticas da textualidade eletrónica implicam alterações no modo como o texto é produzido, transmitido e recebido e é essa simultaneidade que leva a que este autor considere que estamos a viver uma revolução. No caso do blogue de Chevillard, uma pequena porção de texto é

produzida e tornada pública diariamente, ficando imediatamente disponível para o leitor, sem ter sido submetida a aprovação por parte de um editor. Do ponto de vista da produção do texto, o grande desafio parece ser o da obrigatoriedade de escrever algo de novo todos os dias. A recompensa deste esforço, no caso de Chevillard, parece ser a oportunidade de explorar um universo mais ou menos desconhecido, mas também de chegar a um público bastante mais alargado.

Os domínios que parecem sofrer maiores alterações são o da edição – que se torna inexistente quando se recorre a um blogue – e o da leitura. Em relação a este último, o leitor vê-se obrigado a abandonar as operações intelectuais associadas ao livro impresso, adquiridas geralmente desde a mais tenra idade, passadas de geração em geração, e consolidadas durante anos de ensino oficial. Enquanto o formato do livro disciplina a leitura e determina a interpretação do texto segundo um conjunto de práticas estabilizadas, o do blogue implica uma leitura muito variável (que depende do momento em que o leitor acede ao *site* e das suas opções pessoais, mais do que da vontade do autor), o que não pode deixar de tornar a interpretação do texto ainda mais plural.

No entanto, apesar de estes novos fenómenos implicarem uma ruptura com a longa tradição do códice, a verdade é que Chevillard, como muitos outros escritores-*bloguistas* (entre os quais o português José Saramago), acabou por publicar os seus textos em papel, através de uma editora. Trata-se de uma prática cada vez mais frequente, que parece desmentir os apocalípticos anúncios da «morte do livro». Na verdade, como o demonstra o seguinte comentário de Lardellier e Melot (2007: 104), o códice continua a ter um prestígio e a oferecer uma segurança de que a *internet* está desprovida:

Le codex est une figure monarchique, irradiant depuis un centre le savoir, une parole imposée et non modifiable, dont on prend au moins

connaissance avec considération. Il sait s'entourer de rites marquant la déférence et de symboles qui accompagnent sa transmission. Les écritures électroniques procèdent davantage de la démocratie directe participative, voire de l'anarchie.

O código – nomeadamente nas suas funções de fixar o saber e de o legitimar – e a *internet* – que continua a ser associada à desordem, à participação democrática e ao efémero⁹ – parecem, portanto, complementar-se.¹⁰ Os recém-criados neologismos «blook» (em Inglês) e «blouquin» (em Francês) – termos que designam os blogues que acabam por se transformar em edições tradicionais, em papel – parecem apontar precisamente para essa conclusão. De facto, apesar das novas funcionalidades que oferece, a publicação exclusivamente eletrónica ainda não consegue satisfazer todas as necessidades do leitor, nem assumir todas as funções do código literário.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre (1992), *Les règles de l'art*, Paris: Seuil.
- BUESCU, Helena (coord.) (1997), *Dicionário do romantismo literário português*, Lisboa: Caminho.

9 Aquilo que se escreve na *internet* é muito actual, e permite que se esteja em sincronia com o leitor e com o mundo, mas com o passar do tempo perde a validade e o interesse, para além de que os *sites* deixam de ser actualizados e morrem, perdendo-se, no mesmo momento, a informação que continham.

10 Há práticas, na *internet*, que visam reproduzir o funcionamento do sistema editorial em papel. Trata-se de pequenas editoras recentemente formadas, criadas por personalidades conceituadas no mundo da cultura, que funcionam exclusivamente com os chamados *ebooks*, vendidos em linha. A mesma necessidade justifica a criação dos aparelhos de leitura de livros electrónicos, como o famoso *Kindle*, que tentam recriar as funcionalidades do código.

- CHARTIER, Roger (1994), «Du codex à l'écran: les trajectoires de l'écrit» [en ligne], in *Solaris*, n° 01 [consultado em 16/12/2009] <URL:<http://biblio-fr.info.unicaen.fr/bnum/jelec/Solaris/d01/lchartier.html>>
- CHARTIER, Roger (2001), «Lecteurs et lectures à l'âge de la textualité électronique» [en ligne], in *Colloque virtuel – écrans et réseaux, vers une transformation du rapport à l'écrit ?*, Bibliothèque publique d'information-Centre Pompidou [consultado em 16/12/2009] <URL: http://www.text-e.org/conf/index.cfm?fa=texte&ConfText_ID=5>
- CHARTIER, Roger (2002), *Os desafios da escrita*, São Paulo: UNESP.
- CHEVILLARD, Eric (2007–), *L'autofictif* [consultado em 14/06/2010] <URL: <http://l-autofictif.over-blog.com/>>.
- CHEVILLARD, Eric (2009), *L'autofictif*, Talence: L'Arbre Vengeur.
- CHEVILLARD, Eric (2010), *L'autofictif voit une loutre*, Talence: L'Arbre Vengeur.
- DUFAYS, Jean-Louis (1994), *Stéréotype et lecture*, Liège: Mardaga.
- LARDELLIER, Pascal e MELOT, Michel (2007), «Le livre au défi de la numérisation » in LARDELLIER, Pascal, MELOT, Michel (orgs.), *Demain, le livre*, Paris : L'Harmattan, pp.9-18.
- LEJEUNE, Philippe (2001), *Cher écran...*, Paris: Seuil.
- LEJEUNE, Philippe (2005), *Signes de vie. Le pacte autobiographique 2*, Paris: Seuil.
- PICARD, Michel (1986), *La lecture comme jeu*, Paris: Editions de Minuit.
- QUEFFÉLEC-DUMASY, Lise (1989), *Le roman feuilleton français au XIX^e siècle*, Paris: PUF.
- RABINOWITZ, Peter J. (1987), *Before Reading: Narrative Conventions and the Politics of Interpretation*, Columbus: Ohio State University Press.
- REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina Macário (1991), *Dicionário de Narratologia*, Coimbra: Livraria Almedina.
- SOCCAVO, Lorenzo (2008), *Gutenberg 2.0. Le futur du livre*, Paris: M21 Éditions.

VILAIN, Philippe (2009), *L'autofiction en théorie*, Paris: Les éditions de la transparence.

WALKER, Jill (2005), «*Blog (Weblog)*» in HERMAN, David, JALN, Manfred e RYAN, Marie-Laure, *Routledge Encyclopedia of Narrative Theory*, Londres: Routledge.

RESUMO

Eric Chevillard é um romancista com um longo percurso no mundo da publicação tradicional e que mantém um blogue, *L'autofictif* (<http://l-autofictif.over-blog.com/>). Esta prática suscita duas questões essenciais. A primeira diz respeito ao contraste entre as características dos textos publicados em papel e no blogue, dado que neste último a escrita se torna mais fragmentada, a forma mais breve e incisiva e os temas mais pessoais. A segunda remete-nos para a relação entre *L'autofictif*, documento digital, e *L'autofictif*, livro impresso, dado que o autor publica os textos do blogue em papel e os dois suportes proporcionam experiências de leitura radicalmente diferentes. Assim, o leitor da obra *online* é confrontado com um texto em mutação, a que tem acesso por fragmentos e de acordo com uma ordem aleatória. Em contrapartida, no livro em papel, o texto é apresentado como um todo, ordenado por ordem cronológica e com uma forma definitiva.

Palavras-chave: Eric Chevillard, blogue, literatura digital, códice, leitura, literatura francesa.

ABSTRACT

Eric Chevillard has built a successful career in the world of printed books. He also keeps a blog, called *L'autofictif* (<http://l-autofictif.over-blog.com/>). Two main questions arise from this coexistence of print and digital forms. The first is related to the contrast between features of blog texts

and paper texts. On the blog, writing is organised in shorter and sharper fragments, and subjects become more personal. The second question arises from the relationship between *L'autofictif*, digital text, and *L'autofictif*, printed book, since Chevillard also publishes his blog texts on paper. Each of these forms sustains different reading experiences. The reader of the online work deals with a text in constant mutation, which is accessible in fragments, and in a random order. In the printed book, the text is organized according to a chronological sequence and is perceived as a whole.

Keywords: Eric Chevillard, blog, digital literature, codex, reading, French literature.